

O livre-pensador

Vital Cesarini, muito conhecido pela distinção e pelas ideias liberais, entretinha-se em animada conversação com o seu amigo João Fagundes, num café, e o assunto era a juventude transviada.

Graças a Deus — dizia João —, consegui que meu filho se interessasse pela Doutrina Espírita e, com isso, está mais ponderado, mais responsável.

— Não temos necessidade de religião para consertar a mocidade — afirmava Cesarini. Em casa, somos livres pensadores e meu Jairo é um modelo... Bacharelou-se e é hoje alto funcionário do banco, sem trazer-me qualquer problema. E que pureza de costumes, "seu" João! A gente perto dele é uma espécie de pensador que precisa estar prevenido.

— Oh! isso é uma felicidade...
 — Sem dúvida.
 — Seu filho frequenta cinemas, teatros?
 — Absolutamente.
 — Fuma?

— Nunca usou um cigarro.
 — Tem namoradas?
 — Tem vinte e seis anos, não tem *caso* algum.
 — E' vegetariano?
 — Tem pavor à carne, nunca provou um bife.
 — E' calmo dentro de casa?
 — Nunca lhe ouvi a menor expressão de colera. E' delicado, limpo, maneiroso...
 — Não sai à noite?
 — Sómente para trabalhar, em serões de serviço.
 Nisso, porém, alguém surge à mesa.
 Cesarini descobre-se e apresenta:
 — E' o diretor do banco em que meu filho trabalha.

Senta-se o recém-chegado e, enquanto aceita o café, mostrando o semblante triste, fala, discreto:

— Sr. Cesarini, venho de sua residência, onde fui procurá-lo para importante assunto. Ainda assim, não sei se posso falar-lhe aqui...

— Esteja à vontade — respondeu Cesarini, aneloso —, estou às suas ordens.

— Seu filho — informou o amigo —, conforme inquérito silencioso que terminámos hoje, acabou de dar enorme desfalque no banco, assinando cheques falsos no valor integral de um milhão e duzentos mil cruzeiros.